

## **O CONCEITO DE SIGNO IDEOLÓGICO PARA UM ESTUDO DAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO NO MUSEU 25 DE JULHO, NA CIDADE DE CERRO LARGO (RS)**

Ana Beatriz Ferreira Dias<sup>1</sup>

Laura Schmitt<sup>2</sup>

Juliani Borchardt<sup>3</sup>

### **INTRODUÇÃO**

De natureza exploratória, o presente estudo consiste em um desdobramento de ações que estamos desenvolvendo junto ao projeto de extensão intitulado *Projeto Museu 25 de Julho – Cerro Largo (RS)*, que teve início em maio de 2024 e que se volta a ações que buscam contribuir com a documentação museológica dessa instância de cultura. O Museu 25 de Julho, situado em Cerro Largo, região noroeste do Rio Grande do Sul, é mantido pela Associação Cultural 25 de Julho, uma iniciativa privada, sem fins lucrativos, que teve início da década de 1970. Distribuído atualmente em cinco salas e uma reserva técnica, o museu possui um amplo e rico acervo reconhecido pelos itens de tradição teuto-brasileira. Ainda que conte com um expressivo acervo, essa instância museológica encontra-se fechada por tempo indeterminado pela falta de recursos financeiros e humanos.

Para que nossa atuação junto ao acervo fosse realizada como uma prática social situada e concreta, sentimos a necessidade de compreender o espaço que abriga o acervo. Assim, desse esforço inicial de aproximação ao espaço museológico, decorre a presente pesquisa, cujo objetivo consiste em problematizar a forma de organização dos itens expostos no museu. Para fins de delimitação do estudo, tomamos como foco da análise uma sala do museu, o espaço *Iret Neferet*.

Partindo do pressuposto de que a forma de organização dos itens em museus não é neutra, mas sim prenhe de sentidos, esta pesquisa assume como referencial teórico central os escritos do Círculo de Bakhtin acerca da ideologia e do signo ideológico compreendidos do

---

1 Professora Associada no curso Letras - Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *campus* Cerro Largo. Coordenadora do “Projeto Museu 25 de Julho - Cerro Largo (RS)”. [ana.dias@uffs.edu.br](mailto:ana.dias@uffs.edu.br).

2 Laura Schmitt Pereira. Discente da 8ª fase do curso de Letras - Português e Espanhol na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *campus* Cerro Largo. Bolsista de extensão junto ao “Projeto Museu 25 de Julho - Cerro Largo (RS)”. [lau.schmitt2@gmail.com](mailto:lau.schmitt2@gmail.com)

3 Servidora técnico administrativo na Coordenação Adjunta de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) *campus* Cerro Largo. Colaboradora do “Projeto Museu 25 de Julho - Cerro Largo (RS)”. [julianiborchardt@gmail.com](mailto:julianiborchardt@gmail.com).

ponto de vista da pesquisa em linguagem. O Círculo de Bakhtin foi um grupo de intelectuais russos composto por sujeitos das mais diferentes áreas do conhecimento que se reunia no início do século XX para pensar realidades humanas a partir da linguagem. No Brasil, seus escritos começaram a circular na década de 1960 e foram paulatinamente ganhando espaço no meio acadêmico, de modo que, nos últimos 20 anos, passaram a ser amplamente debatidos e, cada vez mais, tendo seus escritos traduzidos para o português.

Atualmente, estudiosos vêm mobilizando e alargando os conceitos bakhtinianos e apontado para a potência dessa abordagem, que oferecem respostas e caminhos para questões do nosso tempo. Dentre esses pesquisadores, cabe mencionar os trabalhos desenvolvidos, no Brasil, por Carlos Alberto Faraco, João Wanderley Geraldi e Valdemir Miotello que, como outros autores, desenvolvem essa perspectiva teórico-metodológica. Cabe também mencionarmos os estudos dos professores e pesquisadores italianos Augusto Ponzio e Suzan Petrilli que, sobretudo pelo diálogo com grupos de pesquisas do Brasil, muito têm contribuído para o estudo e aprofundamento do pensamento bakhtiniano em nosso país.

No processo de tecitura das reflexões que se seguem, assumimos o diálogo entre os estudos da linguagem e outras áreas e campos do saber como fundante para passarmos a estudar sentidos que podem emergir no e do espaço museológico em sua complexa teia de significações. Alinhamo-nos com a perspectiva de Geraldi (2010, p. 51), educador e pesquisador em estudos da linguagem, acerca dos novos paradigmas de ciência que a pesquisa em linguagem está se assentando. Para o pesquisador, a pesquisa em linguagem está passando por “um rearranjo profundo no andamento que cruza, de alto a baixo, os programas de pesquisa e os modos de definir seus objetos, suas metodologias e seus parentescos disciplinares”. Diante do “esgotamento do modelo moderno de fazer ciência”, do qual a linguística não está infensa, essa reconstrução levou à reconstrução de “parentescos”, reencontrando novas parcerias”, continua o pesquisador.

Como parte desse movimento, discutimos, no próximo item, concepções de linguagem e de ideologia, correlacionando-as com noções de imaterial e material encontra no conceito de signo ideológico uma possibilidade de mantê-los em constante e indissociável relação. Para isso, correlacionamos ao pensamento bakhtiniano o estudo do professor e pesquisador do campo da cultura e do patrimônio Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes.

## UM MUNDO SIGNIFICANTE: CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM

Parece ser possível afirmarmos que as pesquisas no campo do patrimônio cultural, mesmo toda a heterogeneidade e diferença entre elas, ocupam-se, de algum modo e até indiretamente, com questões que dizem respeito à linguagem. Para discutirmos como, na nossa visão, o debate em torno da linguagem se torna presente no campo da pesquisa em cultura, retomemos o exemplo dado pelo professor e pesquisador Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, em uma conferência durante o I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, quando o pesquisador problematiza e levanta questões sobre os usos dos bens culturais na contemporaneidade. Menezes (2009) iniciou sua fala a partir da referência a um cartum em uma revista ilustrada publicada na França há algum tempo e, mesmo assim, muito potente para exploração das dinâmicas sociais no campo da cultura e da vida. Não podemos deixar de assinalar que as considerações e indagações feitas por Menezes pareçam, a nosso ver, importantes para situarmos a problemática da linguagem em diálogo com o campo do patrimônio.

A imagem, segundo Menezes (2012, p. 26) se refere ao interior “solene e penumbroso de uma catedral gótica (Chartres)”, em que aparece uma “velhinha encarquilhada, de joelhos diante do altar-mor, profundamente imersa em oração”. Diante dela, está um grupo de pessoas acompanhada de um guia turístico, visitando a catedral. Na imagem, então, “o guia toca os ombros da anciã e lhe diz: - Minha senhora, a senhora está perturbando a visitação”. Segundo o pesquisador, eis aqui um modo impressionante e assustador sobre a noção dominante de patrimônio cultural. A partir disso, Menezes discorre sobre questões muito profundas e necessárias ligadas a tensão ideológica entre diferentes visões de mundo em relação a concepções e usos do que é considerado patrimônio. O pesquisador, dentre seus apontamentos, entende que tanto os turistas quanto a senhora, apesar de responderem diferentemente ao espaço, têm em comum o fato de terem suas respostas ancoradas em um objeto material complexo: a catedral. Interessa-nos aqui a leitura que Menezes realiza de aspectos da interação entre turistas e o guia, quanto à catedral.

Nesse contexto, os turistas participam de uma interlocução na qual são direcionados enunciados do campo mais especializado da cultura, do guia, que tende a oferecer a sua leitura da catedral para os visitantes. Assim, reconhecendo que a catedral pode ter sentidos diferentes para a senhora no momento de seu rezo e para os turistas. Menezes (2012, p. 30) afirma que é como “se esses significados fossem imanentes à coisa [a catedral], mas necessitassem da

mediação de um profissional para produzir efeitos”. Nesse contexto, o objeto material parece dispor de “significados em si, estáveis, fixos, definidos, que não são identificados e fruídos diretamente, mas pela informação especializada de um guia”.

Delimitando nosso foco para essa concepção de que os sentidos do objeto estão contidos nele mesmo, são imanentes a ele, podemos considerar, a partir dos estudos bakhtinianos, que a concepção de linguagem que sustenta essa perspectiva parece ser aquela que Volóchinov (2017) denomina de objetivismo abstrato, uma das duas grandes tendências filosófico-linguísticas empregadas para abordar questões de língua(gem), que envolve modos de abordar a construção de sentidos.

O objetivismo abstrato é uma corrente de pensamento que, de um modo geral, compreende que a verdade das coisas se encerra nelas mesmas. O objeto é o soberano de tudo e está apartado do fluxo da comunicação verbal concreta, histórica e socialmente estabelecida. Nesse caso, o sujeito receberia os sentidos do próprio objeto. Segundo Volóchinov (2017), as origens dessa perspectiva residem no racionalismo dos séculos XVII e XVIII, em especial na filosofia cartesiana e foram sendo fortalecidas por outras correntes, como, no campo dos estudos da linguagem, pelos estudos de Ferdinand de Saussure (1916) e pela escola de Genebra.

No que diz respeito à concepção de língua fundamentada no objetivismo abstrato apresentado por Volóchinov (2012), Augusto Ponzio (2013, p. 208) sintetiza esquematicamente os pressupostos metodológicos dessa perspectiva em quatro princípios:

1. A língua é um sistema fixo, imutável, de formas linguísticas normativamente idênticas, que a consciência individual encontra já pronta e que não pode contestar
2. As leis da língua são leis especificamente linguísticas que regulam a ligação entre signos linguísticos no interior de um sistema linguístico fechado. Essas leis são objetivas para qualquer consciência subjetiva.
3. As conexões linguísticas específicas não têm nada em comum com os valores ideológicos (artísticos, cognitivos, etc.). Nenhum motivo ideológico está na base de fenômenos da língua
4. Os atos individuais de fala são, para a língua, somente refrações e variações individuais casuais, ou simplesmente alterações de formas normativamente idênticas (Ponzio, 2013, p. 208).

Nesse caso, pressupõem-se que sempre há algo estável no objeto (neste caso, a língua) que lhe garante uma certa verdade absoluta. Ao sujeito, cabia reconhecer e assimilar esse sistema pronto e acabado. Cabe observarmos que, dessa corrente objetivista abstrata, deriva a

concepção de ideologia como um conjunto de valorações sociais prontas e acabadas. Com base na reflexão feita por Miotello (2005), podemos afirmar que a concepção de “ideologia subjetiva/interiorizada” formou-se no cerne dessa tendência filosófico-linguística. Miotello (2005, p. 168) afirma que a ideologia como subjetiva e interiorizada entende “a ideologia como uma ideia com lugar permanentemente na cabeça do homem”.

Diferente são os pressupostos da segunda tendência filosófico-linguística: o subjetivismo individualista. Para tentarmos melhor introduzir nossas reflexões em torno dessa perspectiva, parece útil a seguinte pergunta, ao retomarmos aquele cartum discutido por Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes: estaria a verdade sobre a catedral na mente, no psiquismo, do guia turístico, que a transmitiria para os visitantes?

Tecemos respostas possíveis no presente estudo, que é essencialmente exploratório para, assim, tocar questões que podem interessar à história e à linguística.

Partimos da questão de o subjetivismo individualista, ao contrário do objetivismo abstrato, que discutimos anteriormente, não ter o objeto (como: a língua e a catedral) como sua fonte inesgotável. Ao contrário disso, a fonte de tudo, também da língua, seria o psiquismo do indivíduo que, sem qualquer vínculo histórico e cultural produtivo, poderia ser exteriorizado pela sua expressão. Como subjacente ao objetivismo abstrato, a teoria da expressão tem suas origens no pensamento romântico. Ponzio, ainda tomando por base a proposta de Volóchinov, menciona, nos seguintes termos, as quatro principais concepções da corrente:

1. A linguagem é atividade, é um processo contínuo de criação realizada em atos de palavras individuais.
2. As leis da criatividade linguística são leis de psicologia individual.
3. A criatividade da linguagem é uma criatividade significativa, análoga à criatividade artística.
4. A língua como produto realizado, pronto, como sistema estável (léxico, gramática, fonética etc.) é, por assim dizer, a crosta inerte, a lava endurecida da criatividade linguística, e é uma construção abstrata da linguística, útil ao ensinamento prático da língua, vista justamente como instrumento pronto (Ponzio, 2013, p. 210).

Em correlação com os estudos de Miotello (2005, p. 168), consideramos que o subjetivismo individualista é o berço da concepção de “ideologia idealista/psicologizada”, de que trata o professor e pesquisador brasileiro. Conforme essa visão, a ideologia tem como nascedouro a mente do sujeito, o seu psiquismo: “a ideologia como uma ideia já dada, com a qual é possível apenas se defrontar, e que também se desenvolve no interior individual”.

Ao longo de suas obras, o Círculo de Bakhtin apresenta, discute e se opõe claramente a essas duas tendências do pensamento – o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista, as quais, entre si, são antagônicas em geral e, ainda, vigentes até os dias atuais. De acordo com Faraco (2009), a teoria bakhtiniana entende que há uma significativa inadequação das abordagens positivistas (objetivismo abstrato) e idealistas (subjetivismo individualista) de construção de sentidos:

As primeiras, porque se perdem num empirismo atomista (concentrando-se no estudo dos objetos ideológicos – obras de arte, por exemplo – tomando-os isoladamente, desaguando num detalhismo sem sentido ou numa fetichização do artefato). As segundas, porque entendem toda a criação ideológica ou como produto de uma consciência individual isolada; ou como localizada no reino de “puras ideias”, “puros valores” e “formas transcendentais” (Faraco, 2009, p. 48).

O Círculo, então, propõe uma concepção dialógica de linguagem (e de vida) pautada pela interação verbal que acontece em um mundo socialmente significativa e preenche dos mais diversos sentidos, ideologias, valorações. Não há neutralidade, nem um mundo interior abstrato, independente das forças sociais. Nem um sujeito ouvinte que meramente registre o que ouve: todos são falantes (inclusive os ouvintes) e produzem sentidos, a partir das mais diferentes materialidades. Ideologia, nesse caso, possui uma dimensão material, como discutimos no próximo item deste texto.

A concepção dialógica de linguagem pressupõe uma intrincada e complexa rede de relações sociais e interacionais na constituição dos sujeitos, de suas vozes, de seu psiquismo, de sua relação com o mundo. No campo dos estudos da linguagem, Faraco (1999, p. 121) afirma que Bakhtin “é o primeiro pensador contemporâneo, sem ter sido até hoje ombreado por outro (diga-se de passagem”, a tratar a linguagem sem a necessidade de divorciá-la da materialidade da vida social”.

Ancorados na perspectiva teórica que adotamos, neste trabalho, podemos afirmar que os sentidos estabelecidos acerca da catedral não parecem residir na mente do guia turístico, nem estão previamente dadas pelo objeto em si. A interação entre eles, imersa em um mundo valorado, que forma e constitui nossas visões de mundo, parece apontar para uma via possível de abordar a questão. Abordar os sentidos construídos a partir de materialidades sógnicas resulta em observar uma série de elementos, como o faz Menezes (2012), a partir de sua área de

formação. Alinhamo-nos às suas reflexões sobretudo da importância de problematização do mundo da cultura e o mundo da vida e, de nosso lugar nos estudos de linguagem, apontamos e enfatizamos as dinâmicas sociossemióticas que compõem as interações. Nelas, são importantes, dentre outros fenômenos: as relações entre o mundo da vida e da cultura; as diferentes forças que atuam na comunicação, como as forças centrípetas (de conservação) e centrífugas (de transformação), inseparáveis entre si; discursos dominantes e contra-hegemônicos; práticas de liberdade da palavra e de cerceamentos em correlação com determinados projetos discursivos.

Para continuarmos a discussão da relação entre materialidade e sentidos, até chegarmos em elementos mais específicos da disposição de itens em exposições em esferas museológicas, discutimos, no próximo item, o conceito de signo ideológico, fundamental para a concepção de linguagem fundamentada no pensamento bakhtiniano.

## **SIGNO IDEOLÓGICO: UMA RELAÇÃO NECESSÁRIA E INDISSOCIÁVEL ENTRE O MATERIAL E O IMATERIAL**

Para melhor discutirmos o conceito de signo ideológico formulado pelo Círculo de Bakhtin, começemos pela observação de que, no mundo, existem materialidades, objetos únicos e materiais, como os fenômenos da natureza, os produtos de consumo e os objetos tecnológicos. Volochínov (2017) afirma que as materialidades, por si só, têm funções muito específicas e, nesse caso, são privados de significação, não remetendo a nada além delas próprias. Um instrumento de produção, quando absorvido por apenas sua utilidade – de servir para determinado objetivo de produção, não é um signo ideológico, pois não tem uma significação, exemplifica o pensador. Podemos cotejar isso com um objeto particular, por exemplo, uma estante de livros. Como um objeto de consumo, utilizamos a estante de livros com a finalidade de acondicionar os livros. Nesse caso, a estante por si mesma, dentro de sua função e utilidade não é um signo ideológico, afinal não remete a nada a não ser sua necessidade primeira de oferecer apoio material aos livros. Porém, essa estante ou qualquer outra materialidade pode passar a ser um signo ideológico, sem deixar de ser uma materialidade.

Retomemos as reflexões de Volochínov para discutirmos essa passagem a signo ideológico. No desenvolvimento de sua teoria dos sentidos, qualquer materialidade pode se tornar um signo ideológico e, nesse caso, ela adquire uma significação que ultrapassa sua utilidade e remete a valorações sociais ligadas a visões de mundo. A significação é capacidade



que determinada materialidade possui de transcender a sua própria função (utilidade) na medida em que pode remeter a um mundo muito particular, dos signos. Nas palavras de Volochínov (2017, p. 93): “desse modo, além dos fenômenos da natureza, dos objetos tecnológicos e dos produtos de consumo, existe um mundo particular: o mundo dos signos”.

Essas materialidades, quando se tornam signos ideológicos, mantêm-se como objetos materiais, não perdem sua materialidade, mas também adquirem uma significação, pois representam e substituem algo encontrado fora dos seus próprios limites. Os signos remetem ao mundo da cultura e, no âmbito dela, apresentam um modo próprio se orientar em relação a realidade. Portanto, toda materialidade, ao se tornar um signo ideológico, será revestida de determinadas valorações, ideologias e pontos de vista axiológicos.

Importante destacar que, no pensamento bakhtiniano, os termos ideologia, valoração e axiológico são, muitas vezes, equivalentes. E, não apenas isso: eles nada tem a ver com um sentido negativo e restrito. De acordo com Faraco (2009, p. 47), seria até inadequado lê-los com o sentido de “mascaramento do real”, sentido bastante comum em correntes marxistas. No âmbito da teoria bakhtiniana, o sentido desses termos tem a ver com a dimensão avaliativa e expressa sempre um posicionamento social avaliativo. Assim, não é possível, também, pensar em neutralidade dos signos ideológicos. Eles não são neutros e necessariamente remetem a visões de mundo.

Esse mundo dos signos ideológicos, porque remete a ideologia (visões de mundo e valorações) diz respeito a produção imaterial humana, afirma Faraco (2009), a partir da perspectiva construída por Volochínov (2017). Conforme essa perspectiva, a ideologia pertence ao âmbito da dita cultura imaterial. Não podemos pensar que essa cultura imaterial, porque do universo das valorações, é idealista. Muito pelo contrário: para a teoria bakhtiniana, toda essa imaterialidade (das ideologias) só pode existir porque encarnada em determinada materialidade (sons, cores, formas, tamanhos, texturas, etc.)

Para o estudioso russo, todo signo ideológico se encarna em materialidades, de modo que sua vida se desenvolve no mundo exterior:

Qualquer fenômeno ideológico *signico* é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante. Nesse sentido, a realidade do signo é bastante objetiva e submete-se unicamente ao método monista de estudo objetivo. O signo é um fenômeno do mundo externo. Tanto ele mesmo, quando todos os efeitos por ele produzidos, ou seja, aquelas reações, aqueles movimentos e aqueles novos signos que ele



gera no meio social circundante, ocorrem na experiência externa (Volochínov, 2017, p. 94).

Trata-se de uma teoria materialista para o estudo dos sentidos. Cabe mencionar que, nessa corrente, também o psiquismo é social e ideológico. Os signos ideológicos se banham, nutrem-se, nessa espécie de caldo de pensamentos (ideológicos, lembremos), e lá se encontram com outros tantos sentidos. Renovados, também se lançam no exterior, após esse banho no psiquismo do sujeito.

Assim, toda criação ideológica é sempre material e axiológica. E material e imaterial e não pode ser pensada fora da relação entre eles. Essa perspectiva parece conversar muito com aquela defendida pelo pesquisador Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, a qual discutimos no item anterior. Ainda que o presente trabalho seja uma primeira aproximação que fizemos das duas perspectivas, e que reclama maior aprofundamento em estudos posteriores, já podemos avistar um profícuo campo para orientar possíveis compreensões do campo da cultura, que inclui estudos acerca de acervos e patrimônios culturais.

Quanto à teoria bakhtiniana, estudar os signos ideológicos pressupõe reconhecer e investigar as tensões ideológicas porque aqueles participam de uma dinâmica social no qual encontram-se e confrontam os mais diversos sentidos. O signo ideológico, como afirma Volochínov (2017, p. 112) está imerso e participa ativamente de um mundo no qual há sempre e necessariamente “um cruzamento de interesses multidirecionados nos limites de uma coletividade símica, isto é, a luta de classes” [e de grupos sociais].

Na tentativa de abrimos a discussão do próximo item, voltemos à questão da estante, agora como signo ideológico. Anteriormente, abordamos a estante apenas em sua função, ou seja, a de armazenar livros. Essa mesma estante, vista do ponto de vista sócio-histórico, pode se tornar um signo ideológico. O estudo de Almeida (2023) acerca das bibliotecas públicas na cidade do Recife oferece-nos um ponto de apoio para chamarmos a atenção para o aspecto ideológico da materialidade em espaços de cultura. O pesquisador, ao abordar as bibliotecas, problematiza materialidades que compõem as referidas bibliotecas e as interpreta a partir das superestruturas ligadas à construção de políticas públicas voltadas à população LGBTQIAP+. Além de realizar entrevistas direcionadas a bibliotecários responsáveis por bibliotecas públicas, o autor também se volta a observação de materialidades significantes relacionadas à relação dos livros com as estantes onde estão.

Desse modo, o pesquisador, do ponto de vista da ciência da informação, problematiza, por exemplo, a disposição dos livros, a ordem e a desordem dos itens, considerando que armários e estantes, no contexto estudado, significam muito além de sua própria concretude, sem perderem sua dimensão material. Elas revelam, considera o autor a partir da análise por ele desenvolvida, que fazem parte de um conjunto de práticas discursivas que predominantemente mantêm e perpetuam sistema de opressão que invisibilizam pessoas LGBTQIAP+.

Alinhando-se a essa perspectiva de conceber materialidades como dotadas de sentidos possíveis de serem interpretados como caminho para compreender a vida social, Bernardes (2003), por sua vez, centra-se em práticas e leituras realizadas em bibliotecas. Quanto à materialidade “estante”, os excertos das entrevistas feita com leitores apontam justamente para a constituição da experiência do sujeito que, longe de ser mecânica, constitui-se uma prática bastante complexa cujos deslocamentos por estantes e prateleiras vão ganhando tonalidades valorativas capazes de suscitar os mais diversos sentimentos, percepções e compreensões.

A partir disso, a pesquisadora, mestre em educação, afirma que os objetos, nessas esferas da comunicação, vão muito além de sua concretude. As práticas de leitura e escritas que ali se realizam impedem de conceber o espaço como meramente um edifício, uma sala de leitura apenas, uma simples coleção de livros enfileirados em uma estante ou digitalizados em provedores de informática (Bernardes, 2003).

Passemos à exploração das materialidades que compõe uma das salas do Museu 25 de Julho, na cidade de Cerro Largo (RS). Ressaltamos o caráter exploratório do presente estudo, que, nesse interim, permite-nos uma aproximação com essa instância museológica.

## **AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DO MUSEU**

Ao nos referimos ao Museu 25 de Julho, objeto de estudo no presente trabalho, é imprescindível apresentar, primeiramente, aspectos ligados a composição de seu espaço. O museu está alocado em contrato de comodato em salas do antigo colégio Anunciação cedidas pelas Irmãs Filhas do Amor Divino e adaptadas pela Prefeitura Municipal de Cerro Largo. Como menciona Wallau (2020), o fato de um museu estar atualmente em situação de comodato e sem previsão de construção de sede própria é o resultado de uma série de questões que dizem respeito a exercícios de poder, em especial, a falta de apoio da comunidade e dos poderes públicos.

Com mais de quatro mil peças e uma série de materiais bibliográficos e documentais, o museu distribui sua exposição em cinco salas e aloja sua reserva técnica em uma sala. Dessa forma, tem utilizado, ao total, seis salas, as quais se distribuem-se, no prédio, da seguinte forma: duas salas de exposições no primeiro andar, três salas de exposições, interligadas entre si, no segundo andar e, por fim, a reserva técnica situada no terceiro andar.

Para abordarmos a organização da exposição, uma das dimensões da expografia, como dotada de sentido e valoração, delimitamos a análise à observação da primeira sala do museu. Retomando a ideia, discutida no item anterior, de que os objetos musealizados, concretos e únicos que ocupam um certo lugar no mundo e entram na corrente discursiva, como dotados de significação e, assim, podem ser entendidos como signos ideológicos. A partir disso, podemos afirmar que a disposição e a composicionalidade desses itens em uma exposição constrói determinada posição ideológica.

Iniciamos pela posição do museu no âmbito mais amplo do prédio que pertence a Congregação Filhas do Amor Divino. Bastante amplo, o prédio atualmente abriga, em parte de suas salas, o Museu 25 de Julho, de modo que o restante das salas, ou seja, aquelas que são utilizadas pelo museu, estão vazias e ociosas, e estas compõem grande parte do prédio. A entrada ao museu não se dá pelo principal do prédio, mas sim em entrada secundária, como podemos ter uma ideia na imagem abaixo:



Fonte: Gazeta Integração (2024)

Podemos considerar que esse acesso, único para entrada no museu, remete a uma visão ideológica que, mesmo ao oferecer uma opção de instalação temporária para essa instância museológica, não a privilegia, não lhe dá um lugar de destaque no amplo prédio. O acesso

lateral parece sinalizar o lugar marginal reservado a iniciativa e, com isso, a expressões da cultura no município.

Ao adentrar no espaço reservado às atividades do museu, notamos que as duas primeiras salas ocupam uma posição de destaque não só por serem as primeiras a serem visitadas, e as primeiras dispostas logo na entrada, mas também por conta da sua forma de organização. Ambas estão com o acervo disposto em formato circular ou de lúnula (uma espécie de semicírculo), possibilitando uma maior circulação e permitindo um maior espaço entre os objetos (o que os destaca), de tal forma que o visitante facilmente pode identificá-las. O projeto de discurso dessas duas salas privilegia uma experiência que pode levar a exploração de sua narrativa. Como muito bem observa Lara Filho (2013, p. 72), “a exposição dos objetos e obras deve seguir uma técnica e valorizar os objetos expostos, lançando mão de artifícios que facilitem a compreensão dos visitantes”.

A primeira sala do museu é a única que possui uma placa de identificação na entrada. A placa, dentre suas inscrições, intitula essa primeira sala como “Espaço *Iret Neferet*” e, em seguida, encontra uma espécie de aposto que esclarece quem seria Iret Neferet, “a múmia egípcia de Cerro Largo”. Nessa última sentença, chamamos a atenção para a qualificação que o nome “múmia” recebe do conjunto de adjetivos que o acompanham:

### A múmia egípcia de Cerro Largo

Nesse caso, notamos as características singulares da múmia exposta naquela sala, que acaba unindo dois adjetivos que se referem a locais/espacos. O primeiro deles, “egípcia”, exerce a função adnominal, pois acompanha o substantivo múmia, qualificando-a como um item cuja origem é o Egito (“múmia egípcia”). O segundo adjetivo, “de Cerro Largo”, complementa o adjetivo “egípcia”, trazendo a ideia de que não se trata de qualquer múmia egípcia, mas aquela de Cerro Largo. Com base no estudo de Neves (2000), podemos considerar que essa locução “de Cerro Largo”, no contexto da placa de inscrição, assume a função de argumento. A professora e linguista afirma que, quando o adjetivo, funciona como um complemento do nome (complemente nominal), diferente de adjunto adnominal, ele tem função na estrutura argumental do nome.

Ao destacar que a múmia egípcia é um item de posse de Cerro Largo, o museu enfatiza e sublinha o local que a abriga, o município de Cerro Largo, uma cidade com população

estimada em pouco mais de 14 mil habitantes (CENSO, 2024)<sup>4</sup>. Atualmente, existem apenas duas múmias egípcias no Brasil, sendo uma delas justamente essa que compõe o acervo do Museu 25 de Julho. Se não fosse o incêndio no Museu Nacional, em 2018, que queimou uma múmia egípcia, *ShaAun-em-su*, o Brasil contaria com três múmias do Egito em seu território. Não podemos deixar de observar, como menciona Hüttner (2021), que a primeira múmia descoberta no Brasil foi a múmia *Iret Neferet*. As demais vieram para o Brasil já descobertas.

Para fins de contextualização, cabe destacar que o professor e pesquisador em história Edison Hüttner esteve no Museu 25 de Julho, em Cerro Largo, no ano de 2019, para realizar uma pesquisa sobre arte sacra, quando avistou, enquanto “analisava cuidadosamente o espaço”, “um crânio humano coberto com faixas” situado “por trás cortina de um armário de vidro”, conforme afirma no seu artigo *O olho esquerdo de Iret-Neferet*, escrito juntamente com Eder Abreu Hüttner e Fernanda Lima Andrade. Após uma série de procedimentos técnicos para análises de materiais, foi comprovado, oficialmente e em relatório final de pesquisa no ano de 2019, ser “a primeira múmia descoberta no Brasil” (Hüttner et al. 2021, p. 33).

Com base na teoria bakhtiniana, podemos dizer que esse movimento advindo da ciência parece ter sido uma “força centrífuga” capaz de mudar a posição da cabeça de múmia no âmbito do museu. Ao responder a essa força, o museu altera o projeto de discurso ligado a esse objeto museológico, de modo que, dentre uma série de práticas relacionadas à múmia, houve uma mudança do local onde o objeto museológico estava. Anteriormente assentada em posição secundária (“por trás cortina de um armário de vidro”), possivelmente com o propósito de conservar e preservar o item, a múmia ocupa, nos dias de hoje, uma posição de centralidade na primeira sala do museu, como podemos ver na seguinte imagem, retirada do curta-metragem *Tesouros do passado – O Museu 25 de julho de Cerro Largo* (2023).

---

4 Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/cerro-largo/panorama>.





Fonte: Tesouros do passado – O Museu 25 de julho de Cerro Largo (2023)

Considerando a forma de organização dos itens expostos na sala, observamos que o espaço privilegia a múmia e informações que, presente em *banners*, são a ela associadas. Ao analisar os sentidos que provêm da forma de organização desse museu é impossível não nos perguntarmos o porquê do destaque à múmia egípcia em um museu cujo escopo central seja a colonização alemã. Muitas situações sócio-históricas determinam essa escolha. Além da esfera científica, cujos alguns aspectos foram acima mencionados, é possível ouvir as vozes de elementos ligados ao turismo, pois se trata de um objeto raro que poderia atrair visitantes e, com isso, a divulgação e valorização do museu.

Ainda sobre a situação social que determina as formas de organização do museu, há a especificidade do museu que diz respeito ao lugar que assumiram, desde a sua criação, até os dias atuais: sendo referência na comunidade, muitas pessoas o concebem como um grande guardião de memórias de seus moradores. Tanto que, na curta metragem *Tesouros do passado – O Museu 25 de julho de Cerro Largo* (2023), um dos membros da diretoria, afirma que a múmia fora uma doação feita ao museu no ano 1972, por um médico morador da cidade. Com isso, observamos que, na forma de organização do museu, cruzam-se diferentes sentidos que o constituem.

Por fim, e não menos importante, outra materialidade que merece destaque para compreendermos as ideologias que constituem o museu em uma de suas salas (*Espaço Iret Neferet*) é o local e disposição de parte do acervo documental e bibliográfico. Na imagem acima, chamamos a atenção para o fato de os cartazes e itens remanescentes à múmia estarem

sobrepostos sobre um enorme armário de livros, que ficam parcialmente ocultos, passando quase despercebidos. Dentre seus materiais, constam centenas de livros, alguns escritos em alemão gótico, sem tradução.

Nesta mesma sala, porém em outro ângulo em relação à foto acima, consta um segundo grande armário de livros, também em posição secundária na exposição dos itens e atrás de *banners*. Nesse armário encontram-se livros escritos em língua portuguesa que abrangem diferentes áreas do conhecimento, coleções de diferentes jornais da cidade, da região e do estado do Rio Grande do Sul, cadernos de cantos em alemão gótico, jornais de ordem religiosa, entre tantos materiais.

Observamos, então, a presença, mesmo que discreta, de um amplo e variado acervo bibliográfico nesta primeira sala do museu, aquela que, porque posicionada como a primeira sala de acesso aos espaços do museu e por conter uma placa de identificação, parece ser aquela que se reveste de maior importância, na valoração social do espaço. Os materiais impressos, como livros e revistas, representam, portanto, objetos musealizados de grande importância do ponto de vista dos seus dirigentes, pela escolha que fizeram. Importante não esquecer que o processo de seleção e escolha na forma de exposição dos itens é necessário: não é possível todos os objetos ocuparem o mesmo lugar na exposição. O óbvio não pode ser esquecido. Nesse sentido, o projeto discursivo determina as posições das narrativas. De acordo com De Lara (2013, p. 76), “a ordem e a classificação expressam determinados valores ou significado em detrimento de outros, e podem mudar em razão dos valores de uma época ou, mesmo, de uma determinada cultura”.

Escutamos, em relação ao acervo bibliográfico, a voz da extinta biblioteca do Centro Cultural 25 de Julho, associação privada mantenedora do Museu 25 de Julho. A biblioteca era uma importante iniciativa desse centro de cultura, a qual foi que paulatinamente perdendo espaço, de modo que seus itens agora são compreendidos como parte do acervo museológico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa chegada ao Museu 25 de Julho para contribuir com o seu acervo se dá, antes de tudo, por um trabalho de aproximação que inclui observação e compreensões possíveis do espaço museológico. O presente texto foi um esforço para oferecer algum acabamento provisório dos sentidos que construímos a partir das materialidades que estamos percebendo. Os olhos que veem buscam conhecer as materialidades que constituem aquele espaço, de modo



que buscamos principalmente identificar as diferentes posições de itens musealizados na forma de organização do museu. O pensamento, vinculado ao olho que vê, buscou interpretar as materialidades enquanto signos ideológicos que apontam para concepções de mundo, para modos socialmente valorados de narrador o mundo.

Ao observarmos as materialidades que compõem o mundo “vemos o tempo” no todo espacial de uma sala do museu. As diferentes posições da múmia egípcia remetem a distintos momentos sócio-históricos do museu e suas relações com a comunidade mais imediata, de Cerro Largo, e de uma comunidade de um contexto mais amplo, a científica. Também a posição do acervo bibliográfico sugere distintas valorações de materiais impressos, ligada sobretudo a presença e ausência de uma biblioteca que pertencia ao Centro Cultural 25 de Julho.

A partir disso e de outros elementos assinalados ao longo do texto exercitamos um tipo de estudo que, segundo Bakhtin (2006, p. 225), pode contribuir para compreendermos o humano do homem. Para o pensador russo, o “trabalho do olho que vê” se combina com os mais “complexos processos do pensamento” e, com isso, entende algo da história quando investiga materialidades: “os visíveis indícios complexos do tempo histórico, na verdadeira acepção do sentido, são vestígios visíveis da criação do homem, vestígios de suas mãos e da sua inteligência: cidades, ruas, casas, obras de arte, técnicas, organizações sociais, etc.” Muitos são os mestres que podem apontar caminho para compreensão de questões do humano. Sendo um dos mestres, Bakhtin apontou Goethe como uma grande referência para se ler o tempo por meio da materialidade do espaço.

O Círculo de Bakhtin não se envolveu especificamente com questões de museus, mas suas reflexões têm sido muito potentes para compreender questões de cultura, de tal modo que suas reflexões são mobilizadas como importantes chaves de leitura em diferentes áreas, como os estudos da linguagem, a história e a educação. Sendo este trabalho resultado de uma primeira aproximação com o museu enquanto espaço de cultura, pretendemos dar continuidade ao presente estudo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. H. F. De Entre estantes e armários: políticas culturais e demandas informacionais da população LGBTQIAP+ nas bibliotecas públicas de Recife. *Dissertação* (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Recife, 2023. Acesso em:

<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/49567/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Arthur%20Henrique%20Feij%c3%b3%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em 10 out. 2024.

BAKHTIN, B. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BERNARDES, A. S. Do texto pelas mãos do escritor ao texto nas mãos do leitor: pensando a leitura e a escrita na biblioteca. *Revista Brasileira de Educação*, n. 22, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/f7HC3zY47ghV4VdvxBhvQPB/?lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2024.

FARACO, C. A. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FARACO, C. A. O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C. A.; TEZZA, G. de C. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 3. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001. p.112-126.

GAZETA INTEGRAÇÃO. Cerro Largo guarda memórias dos descendentes alemães. Matéria publicada na edição impressa do dia 26 de julho de 2024. *Gazeta Integração*. Disponível em: <https://gazetaintegracao.com/2024/08/18/cerro-largo-guarda-memorias-dos-descendentes-alemaes/>. Acesso em: 27 out. 2024.

GERALDI, J. W. *Ancoragens – estudos bakhtinianos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

LARA FILHO, D. Formas de organização de exposições nos museus de arte. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 2, n. 4, 2013. DOI: 10.26512/museologia.v2i4.16364. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/16364>. Acesso em: 17 set. 2024.

LARA FILHO, D. Museu, objeto e informação. *Transinformação*, [S. l.], v. 21, n. 2, 2009. Disponível em: <https://puccampinas.emnuvens.com.br/transinfo/article/view/6235>. Acesso em: 10 out. 2024.

MENEZES, U. T. B. de. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. Conferência Magna. IN: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Anais do I Fórum Nacional do Patrimônio Cultural: Sistema Nacional de Patrimônio*. Brasília, DF: IPHAN, 2012. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2\\_vol1\\_ForumPatrimonio\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf). Acesso em 20 set. 2024.

MIOTELLO, V. Ideologia. IN: BRAIT, B. *Bakhtin: conceitos-chave*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005, p. 167-176.

PONZIO, A. *No Círculo com Bakhtin*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello et al. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

TESOUROS DO passado – o Museu 25 de julho de Cerro Largo (2023). Direção e roteiro Bedati Finokiet. Filmagem, edição e produção de Tadeu Salgado. Prefeitura Municipal de Cerro Largo. Curta metragem viabilizado através de apoio financeiro e ações culturais contempladas pelo edital 001/202e do Governo Municipal de Cerro Largo, nos termos da lei Paulo Gustavo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=181JIeI-UKY>. Acesso em 27 out. 2024.

VOLÓCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

WALLAU, de L. Uma nova sede para o Museu 25 de Julho: atual sede do Fórum é o melhor e mais adequado local para sediar o museu. *Portal LH Franqui*. Publicado em 06 de março de 2020. Disponível em:

<https://www.lhfranqui.com.br/?pg=noticias&rel=81681f846089d0bd7db80b6a9f86d8b8>. Acesso em 20 set. 2024.